Mercado Criativo: a influência da cultura na economia

Vitória Guterres dos Santos de Oliveira

**‘‘A Economia da Cultura’’** (Ateliê Editorial, 2007), da economista Françoise Benhamou, encaminha o leitor ao conhecimento recente de que as artes podem ser pensadas economicamente, ou seja, aceitar que existe certa resistência em relação ao fato das práticas culturais serem organizadas por lógicas de interesse, principalmente econômico. Essa relutância existe devido a, antigamente, pensar-se que o mundo das artes seria de completo desinteresse.

Fala-se que a cultura vem tomando seu espaço na economia, cada vez mais, com o surgimento de fundações, entidades, secretarias de cultura, expansão das grandes corporações de mídia, o acesso à internet e via satélite, espetáculos globalizados, a recente onda de instalação de editoras estrangeiras no país. E que direta ou indiretamente esses fatos se ligam à esfera artística.

Faz-se uma análise econômica das artes e da cultura. Debatem-se as justificativas e conseqüências das políticas culturais.

O primeiro capítulo ‘‘Os Consumos e o Emprego’’, divide-se em duas partes, sendo a primeira ‘‘Os consumos’’ e a segunda ‘‘Os mercados de trabalho’’.

Na primeira parte, a autora expõe alguns dados a ser vistos com cautela, já que se não forem interpretados como deveriam tomam rumos diferentes. Segundo Françoise, as pesquisas desenvolvidas em diferentes países e em diferentes anos tornam as estatísticas muito diferentes entre si, já que cada país, em suas pesquisas, volta-se mais para uma prática.

Cita-se o fato da oposição entre a cultura das elites e a cultura popular, que persiste e se manifesta, nas escolhas do tipo de diversão ou programa.

A autora diz que o reconhecimento da importância do aprendizado é elemento fundamental das teorias econômicas do consumo cultural, e que o nível de educação prevalece sobre o de renda. Quando o nível educacional aumenta, conseqüentemente, a produtividade de trabalho e o salário, aumentam também. Ou seja, o custo dos bens culturais aumenta conforme o custo de oportunidade de tempo, impedindo o crescimento da demanda daqueles bens cada vez mais caros.

A substituição de um bem cultural por outro, pode ser explicada pela variação de preços, segundo a autora. Todavia, o preço é pouco significativo, já que o consumidor reage acima de determinados limites.

Da análise da qualidade dos bens, extrai-se uma explicação econômica. O questionamento da qualidade acarreta retração dos consumidores. O que indica a qualidade do bem é a ausência de ganho por parte do vendedor. Ao garantir a qualidade o valor da criação é afiançado.

Na segunda parte, dada como ‘‘Os mercados de trabalho’’, conta-se que o emprego cultural aumentou bastante entre 1980 e 1991. Assim, o volume de trabalho oferecido cresceu menos do que os efetivos de pessoal. A forma de emprego que mais cresce é o serviço temporário e, segundo a autora, estimula a competição entre os produtos pela contratação de competentes, aumentando os custos de produção.

Grande parte das carreiras artísticas é incerta, mas naquelas em que o talento tem mais peso, a importância da educação é menor. A incerteza da carreira deve-se ao esforço para chegar ao objetivo, e ao caráter temporário do sucesso, que pode durar muito ou pode durar quase nada. Moshe Adler (1985), diz que os artistas não se baseiam apenas no talento, mas também na sorte e no acaso.

Françoise mostra que, para garantir uma renda, os artistas acabam por exercer algum tipo de atividade complementar à vida artística.

Os direitos autorais, a partir do consumidor, fazem com que a remuneração do criador aumente. Na ausência do direito autoral, a produção artística desceria a um nível muito inferior. Conta-se que somente com o crescimento da demanda cultural, é que os autores começaram a defender seus direitos com organização.

O trabalho de intérpretes também é remunerado. A taxa de direito autoral é negociada com o artista em função da sua fama. Mas, nota-se que, mesmo com a existência dos direitos autorais, grande parte dos indivíduos ainda opta por piratear e copiar.

Ao longo deste primeiro capítulo, a autora expõe ao leitor uma noção sobre a economia da cultura, mostrando que, de todos os lados, a cultura tem sua economia. E com essa leitura, isso se torna evidente.